

‘Erro’ e ‘Maestria’ na *Bildung* goethiana

Marco Antônio A. Clímaco¹

Titel: ‘Irrtum’ und ‘Meisterschaft’ im goetheschen Bildung

Title: 'Error' and 'Mastery' in the goethean *Bildung*

Palavras-chave: Goethe; Bildung; erro e maestria; Thomas Mann; José e seus irmãos.

Schlüsselwörter: Goethe; Bildung; Irrtum und Meisterschaft; Joseph und seine Brüder

Key-words: Goethe; Bildung; Error and Mastery; Joseph and his brothers

Algumas considerações acerca da tetralogia ‘José e seus irmãos’, de Thomas Mann, servirão de introdução às reflexões que nos propusemos apresentar aqui, cujo interesse e alcance também se estendem, como se verá, às preocupações que mobilizam Mann nesta obra monumental. A questão básica que ocupa Thomas Mann nesta obra é a da *predestinação*. Vista da ótica de um autor contemporâneo, parece natural que esta questão traga em seu bojo um outro problema, qual seja o problema da *presunção*, do ‘presumir-se muito de si’. Até mesmo a inaudita beleza de José, outra das obsessões do autor da ‘Montanha Mágica’, entra aqui como um ingrediente subsidiário para a relevância simbólica e prática do presumir-se muito de si e da predestinação, que no caso de José perfazem uma única e mesma coisa:

Há alguns eleitos que são cheios de humildade, de dúvida, ásperos consigo mesmos, incapazes de acreditar na sua própria eleição. (...) E outros há para os quais não há no mundo coisa mais natural que a sua eleição; acolhem conscientemente os mimos dos deuses, sem absolutamente se surpreenderem

¹ Universidade Estadual de Campinas Instituto de Estudos da Linguagem, Rua Sérgio Buarque de Holanda nº 5 Campinas, SP, 13083-859, Brasil, email: marcoantonio.climaco@gmail.com

com quaisquer distinções e honrarias que lhes toquem no seu caminho. Seja qual for dentre essas duas categorias a que preferais, a dos que não confiam em si e a dos que muito presumem de si, José pertencia a esta última. E ainda bem que não pertencia a uma terceira que também existe – a dos hipócritas diante de Deus e dos homens, que se fingem indignos até perante si próprios e em cuja boca a palavra “graça” esconde contudo mais arrogância do que toda a presunção dos pertencentes à segunda categoria. (MANN2000: 131-2)

A propósito desta última categoria, como não se lembrar daquela afirmação um tanto desconcertante de Goethe, segundo a qual ‘só os pícaros são modestos’? E já que o mencionamos, vejamos o que o próprio Goethe afirma de si mesmo, numa passagem, aliás, citada por Thomas Mann num de seus muitos ensaios dedicados ao poeta:

Jamais conheci um homem mais presunçoso que eu, e que eu mesmo o diga mostra como é certo. Nunca cri que tivesse que alcançar algo, sempre pensei que já o possuía. Poderiam ter me colocado uma coroa e teria pensado que era natural... Mas que intentasse trabalhar o conseguido para além de minhas forças, que intentasse ganhar-me o obtido para além de meus méritos, por isso me distingui simplesmente de um verdadeiro louco (GOETHE apud MANN 2002: 231-32)

Quando José vai dar ao poço pela primeira vez pelas mãos dos irmãos, o que os leva a praticar ação tão ignóbil não é apenas o fato de que José seja o predileto de Jacó e seu ‘filho verdadeiro’ com Raquel, mas acima de tudo que ele ostente com toda a naturalidade e boa-fé a convicção de que os seus irmãos, assim como todos no mundo, deveriam amá-lo mais que a si mesmos. Mas foi na ocasião que o levaria a descer pela segunda vez ao fosso, que o sentido da predestinação, da eleição ou bênção de José chegaria ao cúmulo de fazê-lo expor-se, em parte propositalmente, à tentação da mulher de Putifar, a qual culminaria na falsa acusação, de todos conhecida, e no opróbrio de José. Entre as hipóteses que ventila para tentar explicá-lo, Mann enumera a ‘pretensão educativa’ do servo José de chamar à razão a ama desvirtuada; a “*confiança muito cega em si mesmo, a presunção de que se arriscava bastante por um terreno resvaladiço que ele, se o quisesse, podia desandar em qualquer momento*” (MANN1983: 385), e acima de tudo a certeza íntima de José quanto à sua predestinação e a conseqüente necessidade de sacrificar-se a um destino inelutável:

Talvez também ia nisso o conhecimento secreto do caminho que lhe cumpria seguir, o pressentimento de que uma vez mais teria de descer ao fosso

inevitável, se era necessário que se realizasse o que estava escrito no livro do destino. (id.)

Mas o que teria tudo isso que ver com a questão da *Bildung* e do assunto que nos propusemos abordar nesta comunicação? Muito mais do que à primeira vista possa parecer. Também para Wilhelm Meister, o problema central de toda formação girava em torno de sua confiança incondicional no destino como um “poder que nos governe e tudo conduza para o nosso bem” (GOETHE 2006: 83), e da possibilidade de superar esta credulidade um tanto ingênua, sem todavia abalá-la em seus fundamentos e destruir a genuína confiança na ação de um destino benévolo sobre a vida humana. Tal como José o fora de seu pai e de seu Deus, também Wilhelm Meister era um ‘favorito da natureza’ (id.: 88), devendo a um favor especial desta quando uma enfermidade vem arrancá-lo aos seus extremos de auto-flagelação amorosa, a fim de não ‘permitir a ruína de seu favorito’. E quando o seu abandono demasiado impetuoso à custódia do destino acabava por colocá-lo em apuros, também Wilhelm Meister – assim como José perante a mulher de Putifar – “acreditava-se com forças suficientes (...) para escapar a essa condição e afastar-se sem demora dela” (id.: 148). E da mesma maneira, finalmente, que José julgara-se apto a exercer uma ação educativa sobre os desatinos da ama, também Meister acabaria expulso por Serlo e Melina da companhia de teatro por ele própria fundada, às custas de “seus ideais pedantes, (...) sua arrogante pretensão de educar o público, ao invés de se deixar educar por ele” (id.: 341).

Nota-se aí três níveis de confiança e íntima cumplicidade com o destino, a começar pela mais elementar dependência filial para com os cuidados e a proteção por ele dispensados a um favorito; passando pela confiança temerária e autoindulgente de poder escapar ileso às consequências de um comportamento impetuoso e irrefletido; e terminando na mais franca presunção quanto a uma vocação educacional a ser desempenhada num âmbito ilimitado e destinada a um assentimento universal e cordial. De um ponto de vista geral, nada é mais característico das trajetórias análogas de José e Wilhelm Meister, do que esta incerta e flutuante oscilação entre a sorte mais ditosa e a desdita mais amarga, sempre pendentes de um tudo-nada, até que a boa-sorte se imponha de maneira incontestável em meio às maiores incertezas e no mais improvável dos cenários: o estrangeiro, ex-escravo e presidiário José elevado à posição de vice-rei da maior potência cultural e imperial do mundo antigo, e o burguês e ex-ator-ambulante

Wilhelm Meister desposando a mais virtuosa e adorável dentre as expoentes da nobreza alemã de extração pietista.

E acaso não seria esta oscilação da sorte, o resvalar e flertar com os maiores infortúnios de maneira temerária e um tanto leviana, a contrapartida necessária da confiança amorosa no destino e da certeza de sua intervenção infalível, por muito demorada e imprevisível que fosse? Thomas Mann não poupa tinta e esforços para salvar a reputação de José da confusão que seu leitor possa fazer entre esta certeza da própria predestinação e uma mera ambição vulgar: “Viver conforme a tácita suposição ou convicção de que Deus tem sobre alguém intuítos pouco vulgares não é propriamente ambição. Não seria este o termo adequado; esta ambição a serviço de Deus mereceria um nome mais respeitoso” (MANN1983: 130).

Quanto à presunção de Wilhelm Meister, já não parece ser tão fácil salvá-la colocando-a sob a rubrica de uma tal ‘ambição a serviço de Deus’. A sermos rigorosos, seria preciso tomá-la, pelo menos à primeira vista, como uma ambição a serviço de si mesmo. Assim reza, com efeito, o primeiro artigo-de-fé de seu projeto de formação: “instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância” (GOETHE2006: 284). E logo adiante: “se algum dia alguma coisa irá modificar-se, e o que se modificará, importa-me bem pouco; em suma, tenho de pensar em mim mesmo tal como estão agora as coisas, e no modo como hei de salvar a mim mesmo e conseguir o que para mim é uma necessidade indispensável” (id.: 286). Mas também para a ambição de Meister, Thomas Mann teria uma explicação e um nome mais respeitosos, se fosse chamado a opinar a respeito: “A piedade é a subjetivação do mundo exterior, sua concentração no eu e em sua salvação” (MANN2000: 438).

E quanto ao próprio Meister, que esclarecimento nos pode ele oferecer no restante da sua carta? Na Alemanha do período, a nobreza detinha o monopólio sobre a formação harmônica da personalidade, que constitui o principal objetivo e ambição deste projeto, ao passo que ao burguês “nada se ajusta melhor que o puro e plácido sentimento do limite que lhe está traçado” (Goethe2006: 285). Profundamente compenetrado de sua condição de homem burguês, mas decidido como estava a não abrir mão desta formação harmônica da personalidade, Meister chegará por via deste impasse a conceber o seu princípio de formação como uma solução intermediária: interditando a este si-mesmo todo cuidado e esperança quanto a “se algum dia alguma

coisa irá modificar-se, e o que se modificará”, Meister o diferencia radicalmente de uma personalidade fortuita e individualmente limitada, ao mesmo tempo em que lhe assegura uma limitação muito mais rigorosa e universal do que aquela que o burguês está de todo modo obrigado a observar, fazendo convergir e coincidir seu si-mesmo com a pura facticidade e a sucessão necessária dos acontecimentos. Nisto se fundamenta, com efeito, a confiança amorosa e incondicional de Meister no destino, a que já nos referimos antes, como um poder indiferente aos propósitos e avisos individuais, embora agindo em secreta consonância com os seus mais caros desejos e inclinações:

E não devo honrar o destino que, sem a minha intervenção, me conduziu até aqui, a satisfazer tudo quanto outrora elaborei e concebi, por pura obra do acaso e sem qualquer colaboração de minha parte? (id.: 272).

Este si-mesmo concebido como uma instância superior, embora não alheia e irreduzível à personalidade individual, não deixa de reverberar a filiação de Goethe ao ideal clássico, que pela altura da redação dos *Anos de aprendizado* se desdobrava sob o influxo da recente experiência em solo italiano. Também para a *arete* homérica, com efeito, o ‘mais alto ideal de Homem que o nosso espírito consegue forjar’ consistia, segundo o helenista Werner Jaeger, no *amor do eu* enquanto “*produto de uma auto-estima elevada à sua maior nobreza*” (JAEGER1985: 35). Por outro lado, o fato de que Meister subordine esta adesão ao ideal clássico à perspectiva e o vocabulário da ‘salvação’, atesta a consciência aguda da fragilidade da *criatura* (para empregar uma noção que Walter Benjamin julgava cara a Goethe) e da desproporção da *arete* homérica com a condição do homem burguês, impregnando este ideal das ressonâncias da tradição judaico-cristã, na qual o conceito de *Bildung* tem sua origem.

Como demonstra o goethianista Andreas WACHSMUTH, tal dualidade entre a individualidade e a acepção primordialmente religiosa da *Bildung* está latente na própria gênese do emprego específico que Goethe passa a fazer do conceito, e na medida em que “o tom fundamentalmente religioso jamais deixou de ressoar no pensamento de Goethe” (1966: 97), a unificação desta dualidade corresponde, ainda segundo Wachsmuth, à própria “ideia goethiana da vida humana”:

Nessa unificação de uma dualidade fundamental baseia-se a ideia goethiana da vida humana. Trata-se da solução da tensão entre fixo e movente, entre ser e tornar-se (id.).

Esta unificação careceria, contudo, de um específico ‘operador’ ético, não fosse o fato de Goethe radicar o fundamento último da *Bildung* nesta convergência e ‘reversibilidade’ entre o erro e a maestria: o ‘sorver de taças repletas até esgotar por completo seus erros’ servindo de penhor e salvaguarda para um perpétuo *tornar-se*, e o ‘reconhecimento do erro como erro’, apanágio da maestria, como penhor e salvaguarda para o eterno *ser*. Tais são os termos em que se dará a conhecer a Wilhelm Meister a sabedoria dos mestres e educadores de homens, na cerimônia que marca sua admissão à Sociedade da Torre:

Não é obrigação do educador de homens preservá-los do erro, mas sim orientar o errado; e mais, a sabedoria dos mestres está em deixar que o errado sorva de taças repletas de seu erro. Quem só saboreia parcamente seu erro, nele se mantém por muito tempo, alegra-se dele como de uma felicidade rara; mas quem o esgota por completo, deve reconhecê-lo como erro (...) (GOETHE2006: 470-71)

Mas não apenas no âmbito estritamente individual, senão também para as realizações de cunho cultural mais abrangente, Goethe fará valer o critério do reconhecimento dos próprios erros, estendendo-o não obstante para o plano do reconhecimento das ‘limitações reais’, ‘fraquezas íntimas’ e ‘dificuldades exteriores’ de toda a natureza como condição para a maestria – o ‘fazer algo de grande’ cuja excelência ele atribui ao exemplo dos Gregos. A Eckermann, Goethe dirá reconhecer tal primazia cultural na atividade do espírito que não se rebaixa ao patamar das produções da natureza e se contente meramente com reproduzi-las, mas que tampouco se ponha acima delas e as desdenhe, senão que se esmere em ‘tornar espiritualmente eficiente’ às limitações da natureza e em reconstituir, na forma de outras tantas produções de índole cultural, as intenções que a natureza apenas deixa entrever, sem jamais realizá-las cabalmente, nas suas próprias produções:

Os nossos bons velhos artistas alemães (...) dedicam-se com a sua fraqueza pessoal e impotência artística à cópia da Natureza e julgam ter feito alguma coisa nova. Estão abaixo da Natureza. Quem, porém, quer fazer algo de grande deve ter elevado a sua cultura a um ponto tal que possa, como os gregos, erguer a limitação real da Natureza à altura do seu espírito e tornar eficiente o que nas manifestações da Natureza, por fraqueza íntima ou dificuldade exterior, só ficou em intenção. (ECKERMANN: s/d.: 279).

Esta relação intrínseca e incontornável entre o fazer algo de grande e o conhecimento íntimo dos erros, tanto os próprios como os da natureza, nos leva de volta ao paralelo entre Wilhelm Meister e José do Egito, com que abrimos esta exposição e com que tencionamos também encerrá-la. A questão crucial que se impõe aqui é a de saber se os erros, depois de sorvidos de taças repletas e esgotados, ainda deixarão espaço para fazer-se algo de grande nalgum sentido que faça jus e corrobore os sonhos da mocidade em suas veleidades de predestinação e do muito presumir-se de si, ou seja, em seus erros. Tanto Meister como José tiveram que pagar muito caro os seus erros, mas ambos estariam de acordo em que nada de grande pode ser realizado sem o concurso de um punhado da inocência, o pendor ao erro, senão mesmo a leviandade que embalaram a formação e os sonhos de juventude. Já colocado à testa de todo o império de Faraó, José não se vexa de conservar ainda algo das loucuras que noutros tempos o fizeram baixar duas vezes ao fosso:

(...) bom, e eu mesmo não era senão um pavãozinho naqueles dias; era um verdadeiro pavão cheio de vaidade viciosa e convencido da minha importância. É uma vergonha ver como costumam a crescer algumas pessoas! Isto digo na suposição de que eu agora esteja crescido. Mas talvez seja necessária a vida toda para se crescer verdadeiramente. (MANN2000: 309)

Quanto a Wilhelm Meister, a sua irremediável *inexpertise* e credulidade no trato com homens de caráter duvidoso leva a amiga Aurelie a lhe aplicar o epíteto de ‘primeiro menino nascido adulto da criação’. Mas quando o destino e seu sucedâneo, a Sociedade da Torre, pareciam-lhe não querer senão zombar dele e já sentia toda sua confiança abandoná-lo, é outra vez a possibilidade de conservar algo da ingênua confiança que assinala a predestinação e o muito presumir-se de si, depois que a vida já os tenha feito irremediavelmente cair na conta de seus erros, a condição invocada por Jarno para que alguém fosse digno de receber a absolvição da Sociedade da Torre, a qual só a concedia “àqueles que sentiam vivamente e reconheciam com clareza *para que haviam nascido*, e se haviam exercitado o bastante para prosseguir seu caminho com certa alegria e facilidade” (GOETHE2006: 522, grifo meu).

Foi, de resto, neste mesmíssimo diapasão que Meister concebera ele próprio a sua ideia de suprema felicidade humana: “Feliz, acima de tudo, (...) aquele que, para se pôr em harmonia com o destino, não necessita rejeitar toda sua vida anterior!” (id.:

439). Ao que José, à distância de 150 anos para diante ou 3500 para trás, com certeza daria o seu consentimento, convencido que estava da necessidade de dar à sua história, cujo começo fora tão pasmoso, o desfecho de uma forma magnífica e de fazer dela qualquer coisa engraçada, a fim de que os erros de sua juventude não o impedissem de progredir agora com certa alegria e facilidade – ou para dizê-lo nos termos de José, com jovialidade:

Meus irmãos rasgaram minha vestimenta e me atiraram dentro do poço; agora deverão comparecer diante de mim, pois essa é a vida. E o problema é saber se teremos de julgar o ato pelo resultado e aprovar a má ação porque era necessária para o bom resultado. Tais são os problemas que nos propõe a vida. Não podem ser resolvidos com uma cara séria. Somente com jovialidade pode o espírito do homem elevar-se acima deles para que, ao ver-se na presença do que não tem resposta, possa, com um sorriso, fazer rir o próprio Deus, o magno Irrespondível. (MANN2000: 317).

Referências bibliográficas:

- ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*; trad. de Luís Silveira. Lisboa: Editora Veja, s./d..
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*; trad. de Nicolino Simone Neto, posfácio de Georg Lukács, apresentação de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2006.
- JAEGER, Werner. *Paidéia – A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MANN, Thomas. *José e seus irmãos, vol. 2: José no Egito*. trad. de Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1983.
- _____. *José e seus irmãos, vol. 3: José, o Provedor*; trad. de Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.
- _____. *Fantasia sobre Goethe*. In: _____. *Ensayos sobre música, teatro y literatura*. Selección y traducción Genoveva Dieterich. Barcelona: Alba Editorial, 2002, 217-269.
- WACHSMUTH, Andreas B. *Bildung und Wirkung – die Polarität in Goethes Lebenskunst*. In: _____. *Geeinte Zwienatur – Aufsätze zu Goethes naturwissenschaftlichem Denken*. Weimar, Aufbau-Verlag Berlin und Weimar, 1966, 86-112.